

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

MARIANE DE SOUZA ANCELMO DOS SANTOS

**O ENSINO DA ARTE NAS APAEs: A METODOLOGIA ATIVA COMO UMA
POSSIBILIDADE**

CRICIÚMA

2015

MARIANE DE SOUZA ANCELMO DOS SANTOS

**O ENSINO DA ARTE NAS APAEs: A METODOLOGIA ATIVA COMO UMA
POSSIBILIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2015

MARIANE DE SOUZA ANCELMO DOS SANTOS

**O ENSINO DA ARTE NAS APAEs: A METODOLOGIA ATIVA COMO UMA
POSSIBILIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de Novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Édina Regina Baumer - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestre - (UNESC)

Prof. Simone das Graças Nogueira Feltrin - Mestre - (UNESC)

Meus pais, apesar do pouco estudo que ambos tiveram, sabiam da importância do conhecimento. O amor incondicional que tiveram por mim, me estimulou a poder agradecer através deste trabalho. Por isso ofereço a eles esta produção, Ricardo e Angelita, que amo muito e que me amam. E também ao meu esposo Ramon que sempre esteve ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido esta oportunidade.

Agradeço aos meus pais por estarem sempre ao meu lado, que torceram por mim e acreditaram na minha capacidade assim como meu esposo.

Também ao meu irmão, minha cunhada, sobrinha, meus avós (alguns in memoriam), tios, primos, meus sogros e meus amigos por suas orações e por sempre terem confiado e me estimulado.

Às escolas Hercílio Amante e Sebastião Toledo dos Santos onde dei meus primeiros passos no conhecimento.

Agradeço a instituição UNESC, junto com a coordenação do curso de Artes Visuais e os professores que me apoiaram em tudo, em especial a professora Édina Regina Baumer por sempre acreditar no meu potencial e desde o início da graduação esteve ao meu lado.

As instituições de ensino por abrirem as portas para o estágio obrigatório junto aos professores que me auxiliaram nesse período de aprendizado.

Aos colegas da faculdade, muitos deles passaram outros ainda estão juntos, torceram e torcem partilhando palavras de incentivo; em especial algumas amigas que sempre estiveram ao meu lado, Clarice Nascimento, Debora Maier, Lidiane Scarpari e Tamiris Tasca, muito obrigado. São tantos colegas que cativei durante o curso que seria injusto citar os nomes de todos e esquecer alguém. Obrigado por me aguentarem nesses quatros anos de curso.

“A tarefa do educador moderno não é derrubar florestas, mas irrigar desertos.”

C. S. Lewis

RESUMO

A pesquisa que propiciou este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema 'O Ensino da Arte nas APAEs: A Metodologia Ativa como uma Possibilidade' busca investigar se a mesma pode contribuir de maneira significativa para o processo de aprender a disciplina em questão na APAE. Traz como aprofundamentos teóricos um pouco do conceito de arte e seu ensino, inclusive nas instituições; a história das APAEs no Brasil e algumas propostas de metodologias ativas. Para a construção da fundamentação teórica dialoga com autores como Barbosa (2003), Ferraz e Fusari (1993; 2009), Estrázula (2011), Tibola (2001) e demais pensadores da educação. O estudo visa detalhar a importância da aproximação entre o professor da área artística e as metodologias ativas nas APAEs; compreender o conceito desses métodos e investigar as possíveis relações entre metodologias ativas e o ensino das Artes. É uma pesquisa básica com abordagem qualitativa de caráter exploratório, que se buscou na internet relatos de experiências identificadas com o uso da mesma. A partir das pesquisas feitas percebeu-se que apesar da nomenclatura não se fazer presente no contexto escolar, diretamente, ela está inserida em algumas práticas durante as atividades artísticas. Conclui-se que a metodologia ativa vem para instigar e fazer com que o aluno tenha curiosidade, se torne ativo e participativo em sala de aula. No entanto é preciso que os professores busquem a formação continuada para se aproximarem e compreenderem as metodologias ativas.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Arte. APAEs. Metodologia Ativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Obra Retirantes de Candito Portinari	15
Figura 2 – Símbolo da APAE.....	23
Figura 3 – Cartaz do Festival Nossa Arte de Panambi/ RS.....	28
Figura 4 – Cartaz do Festival Nossa Arte de São Loirenço.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Parâmetros Curriculares de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O QUE SABEMOS SOBRE ARTE?	14
2.1 A EXPANSÃO DA ARTE.....	15
2.2 O ENSINO DA ARTE E SEU DESENVOLVIMENTO	16
3 HISTÓRIA DAS APAEs NO BRASIL E O ENSINO DA ARTE	21
4 A DÚVIDA: METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO DA ARTE	30
5 OS CAMINHOS DA PESQUISA	32
6 UM NOVO OLHAR: PROJETO DE CURSO	38
6.1 TÍTULO: REFLETINDO SOBRE UMA NOVA METODOLOGIA.....	38
6.2 EMENTA	38
6.3 CARGA HORÁRIA	38
6.4 PÚBLICO- ALVO.....	38
6.5 JUSTIFICATIVA	38
6.6 OBJETIVOS	39
6.7 METODOLOGIA.....	40
7 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Quando pequena, me perguntaram: Por que você não faz faculdade de Artes para lecionar? Logo respondi que não gostava de artes porque não sabia desenhar. A pessoa me falou que não precisa saber desenhar, porque artes não é somente desenho. Com o passar do tempo comecei a cursar Artes Visuais na universidade, os primeiros meses foram complicados, pois não gostava e me perguntava o que estaria fazendo ali. Os dias foram passando e comecei a ver a arte com outros olhos e também notei que a importância da arte não é somente dentro da sala de aula, mas também para a sociedade.

Quando cursamos Fundamentos e Metodologia da Educação Especial, percebi a importância de trabalhar arte com alunos com deficiência, de ter um olhar sensível para esses alunos. Lembrando-me de alguns trabalhos feitos na APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais por um professor da área de Artes, me interessei e pensei em pesquisar mais sobre as APAES e as aulas de Artes. Com escolhas de temas e problemas a serem pesquisados porque não pesquisar o que me sensibiliza?

Pensando sobre o que estudamos nas disciplinas e nos trabalhos desenvolvidos durante o curso, senti o desejo de pesquisar mais sobre a metodologia ativa, um procedimento didático, pouco discutido no curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC e nas escolas da região. Como o professor vai trabalhar essa metodologia com alunos com deficiência sendo que alguns professores ainda não tem o conhecimento dela? Refletindo sobre o assunto formulei o seguinte problema: As metodologias ativas podem contribuir de maneira significativa para o processo de aprender arte nas APAES?

Esta pesquisa tem por interesse a educação de pessoas com deficiência na APAE. Visa detalhar a importância da aproximação entre o professor de Artes e as metodologias ativas nas APAES; compreender o conceito das metodologias ativas e investigar as possíveis relações entre metodologias ativas e o ensino das Artes. O estudo se insere na linha de pesquisa Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC e é um elemento importante para se introduzir ou aprimorar o conhecimento e serve como um recurso que expande a compreensão sobre o assunto a ser pesquisado.

Através de uma dúvida, uma pergunta ou um problema que inicia uma pesquisa, é onde se deve buscar a resposta ou a solução. Esta pesquisa se classifica como básica, pois segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51), a pesquisa básica “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Assim apresento o interesse pela educação de pessoas com deficiência em evidência na APAE e trago como objetivos específicos detalhar a importância da aproximação entre o professor de Artes e as metodologias ativas nas APAEs; compreender o conceito das metodologias ativas e investigar as possíveis relações entre metodologias ativas e o ensino das Artes. O objetivo geral foi investigar se as metodologias ativas podem contribuir de maneira significativa para o processo de aprender arte nas APAEs e a pesquisa também se dá como bibliográfica, como afirma Lakatos e Marconi:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritas por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS e MARCONI, 2001, p.183).

É uma pesquisa qualitativa que busca “[...] identificar relações, causas, efeitos, consequências, opiniões, significados, categorias e outros aspectos considerados necessários à compreensão da realidade [...]” (VIANNA, 2001, p.122) e onde é possível trabalhar com peculiaridades das fontes de pesquisa. Classifica-se como exploratória que permite “[...] entender uma situação, um fato, um problema, um caso, a partir de estudos feitos por diferentes autores ou vivenciados por várias pessoas.” (VIANNA, 2001, p.130).

Início escrevendo sobre o conceito de arte, a partir dos autores Coli (1995) e Barbosa (2003). Como subtítulos trago breves considerações sobre a expansão da arte e o desenvolvimento do ensino da arte, estudando os autores, Cunha (2002), Ferraz e Fusari (1993; 2009), Iavelberg (2003), Barbosa e Coutinho (2011). No capítulo seguinte relato sobre a história das APAEs no Brasil, trago os autores Gugel (2007), Stobäus e Mosquera (2004) e Estrázula (2011) , no subtítulo o

ensino da Arte nas APAEs trago Tibola (2001). Em seguida, sobre as metodologias ativas para o ensino da arte cito Berbel (2011) e Baumer (2009). Aponto os autores Prodanov e Freitas (2013), Lakatos e Marconi (2001) e Vianna (2001) que me auxiliaram nos caminhos da pesquisa. Selecionei quatro experiências identificadas como metodologia ativa sendo uma de Oleques (2013) e três de Mekari (2013) que me ajudaram a perceber algumas práticas que se utilizaram dessa nova metodologia.

2 O QUE SABEMOS SOBRE ARTE?

É complexo termos uma definição sobre o que é arte. O que é certo é que a arte está presente na vida do ser humano, desde uma pintura, uma canção, um poema até elementos de um projeto de arquitetura. A arte também independe de classe social, ela envolve as culturas e povos. Segundo Coli (1995, p.8)

[...] arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa idéia e como devemos nos comportar diante delas.

Hoje encontramos muitas culturas de diversos povos espalhados pelo mundo e sabemos que a cultura se expressa em vários aspectos da vida humana. Ela se evidencia nas artes, talvez mais do que em outros aspectos cotidianos, conforme afirma Barbosa (2003, p.17):

Não podemos entender a Cultura de um país sem conhecer a sua arte. A arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.

A arte se destaca no meio desses costumes e muitas histórias são registradas através dela, por exemplo: uma obra artística que retrata a cultura de um povo é um registro de um momento histórico específico no qual não estávamos presente. Através dele podemos então conhecer um pouco da história desse povo e também aprender técnicas artísticas deles, por exemplo, os materiais utilizados na produção de uma escultura. Então, cada povo cria e faz arte deixando um legado para geração futura, como por exemplo, encontramos no Brasil, Candido Portinari, que na pintura *Retirantes* (Figura 1), ele retrata a tragédia dos caboclos nordestinos periodicamente açoitados pela seca retratando questões sociais e tentando influenciar, dessa forma, as questões políticas e econômicas.

Figura 1: Obra Retirantes de Candido Portinari



Fonte: <<http://livreopinioao.com/2014/01/20/candido-portinari-um-brasileiro-universal/>>.

A arte pode ser vista através de várias linguagens como: a plástica, a música, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura. Atualmente alguns tipos de arte aceitam que o observador participe da obra. Aquele que produz a arte precisa da técnica para materializar sua ideia e o que aprecia precisa ler, analisar e interpretar a produção do artista para entendê-la ou para senti-la.

2.1 A EXPANSÃO DA ARTE

Estudamos que desde o início da humanidade o homem surge com a necessidade de se expressar; no período da Pré-história o homem desenha a Arte rupestre (desenhos feitos sobre a pedra em cavernas) que eram desenhos representando o seu cotidiano.

Ribeiro (2015) afirma que, com o passar do tempo, a arte foi se

subdividindo em estilos como o rococó, gótico, romântico entre outros. Com o surgimento do Renascimento, a arte foi dividida por conceitos como: pintura, literatura, música, escultura, arquitetura, cerâmica, tapeçaria.

Hoje vivenciamos a arte contemporânea, que muitas vezes não está em instituições como museus e galerias, dentro de quatro paredes e com horários limitados para apreciação; podemos encontrar nas ruas, nos meios de comunicação entre outros espaços do dia a dia das pessoas.

As produções têm expressões inovadoras que às vezes causam no espectador, estranhamento. Nas composições muitas vezes se trabalham mais os conceitos, pensar na produção é mais importante do que no produto final, dessa forma já não é o objeto concluído que interessa, mas sim o processo, antes ou depois da obra exposta.

A arte vem se transformando ao longo do tempo, com trabalhos distintos e com artistas diferenciados e vem ganhando vigor no meio em que vivemos inclusive dentro dos currículos da educação básica, reafirmando a importância do conhecimento sensível na formação integral das crianças, adolescentes e jovens.

2.2 O ENSINO DA ARTE E SEU DESENVOLVIMENTO

Durante o período de estágio obrigatório, pude perceber que há vários tipos de professores, alguns se utilizam de metodologias antiquadas e outros misturam um pouco de cada metodologia. Isto me faz lembrar a história do ensino da arte e o seu desenvolvimento.

Cunha (2002) aponta que, muitas vezes os alunos são limitados sem poderem se expressar e dessa forma incorporam os estereótipos – onde as folhas das árvores tem que ser verde, o sol amarelo, o coelho branco, a estrutura do corpo humano tem que ser padrão como pernas e braços saindo do tronco e não da cabeça – e dessa forma deixam de lado a sua própria linguagem.

Isso remete a um período da história, a segunda metade do século XIX, quando na Escola Nacional de Belas Artes, percebemos um ponto forte de uma metodologia onde o desenho, em geral, era reproduzido como cópia fiel aos modelos dos mestres. (FERRAZ; FUSARI, 1993).

Atualmente existem professores que ainda se utilizam de conhecimentos mecanicistas, sem promover uma reflexão ou participação dos seus alunos como Ferraz e Fusari explicam: “uma educação composta apenas de informações mecanicistas, sem reflexões e sem participação afetiva e interessada da criança só faz diminuir o potencial deste jovem (2009, p. 94)”. Estudando um pouco da história do ensino da arte, notamos essa metodologia que considera o:

[...] ensino de arte com ênfase no desenho, pautado por uma concepção de ensino autoritária, centrada na valorização do produto e na figura do professor como dono absoluto da verdade. Sua mesa ficava sobre uma plataforma mais alta, para marcar bem a “diferença”... Ensinava-se a copiar modelos – a classe toda apresentava o mesmo desenho – e o objetivo do professor era que seus alunos tivessem boa coordenação motora, precisão, aprendessem técnicas, adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos e que estes, de alguma forma, fossem úteis na preparação para a vida profissional, já que eram na maioria desenhos técnicos ou geométricos. O desenho deveria servir, à ciência e à produção industrial utilitária. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p. 11).

Criação e ludicidade nesse período eram deixadas de lado? Não havia interação professor e aluno? Será que essa metodologia é a mais adequada? Porque não se apropriar de uma metodologia diferente?

Uma mudança ocorreu por volta de 1930 quando surgiu o movimento Escola Nova que tinha como base os estudos sobre criatividade (FERRAZ; FUSARI, 1993) e em 1950-1960 voltaram alguns princípios dessa Escola Nova como, por exemplo, a livre expressão.

lavelberg (2003, p.144) afirma que:

Na escola nova, priorizavam-se os aspectos psicológicos do desenvolvimento, com pouca ênfase nos aspectos sociais. Os conteúdos eram definidos nas atividades em função das experiências vivenciadas. Enfatizava-se o desenvolvimento e o “aprender a aprender”, como fato mais importante do que aprender conteúdos.

As aulas eram centradas nos alunos e essa influência direcionou o ensino para a livre expressão e a valorização do processo e não do produto final. O professor dava oportunidades para que o aluno se expressasse de forma espontânea, particular, o que vinha a ser a valorização da criatividade como máxima no ensino da arte. Como toda a ação artística deveria surgir do aluno, o conteúdo dessas aulas era quase insignificante, pois o aluno agia espontaneamente, em

função das experiências e assim o fazer acrescentava ao aluno em termos de aprendizagem de arte, enquanto vivência/ experiência artística.

Um dos debates que ocorre hoje no meio educacional é em relação à ênfase nas datas comemorativas quando muitas vezes o professor de arte fica revoltado, por ter que fazer cartões ou lembrancinhas. Em 1964 “[...] a prática de arte nas escolas públicas primárias foi dominada, em geral, pela sugestão de tema e por desenhos alusivos a comemorações cívicas, religiosas e outras festas.” (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 26). Será que dessa forma o aluno pode se expressar? E como fica o papel do professor mediador diante disso?

Martins, Picosque e Guerra afirmam (1998, p. 12) que:

Ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas “musiquinhas” para fixar conteúdos de ciências, faz-se “teatrinho” para entender os conteúdos de história e “desenhinhos” para aprender a contar.

Em 1971 o ensino da arte recebe o nome de Educação Artística. Com essa reforma um mesmo professor ensinava as artes plásticas, a música, o teatro e a dança, no entanto sua formação não era consistente ao ponto de lhe oportunizar uma apropriação das possíveis relações entre as linguagens da arte.

Ferraz e Fusari (1993) afirmam que a partir dos anos 1980, começaram a surgir cursos de Pós-graduação em Artes e muitas pesquisas começaram a ser realizadas, tratando algumas delas do desenho da criança, outras das tecnologias e outras analisavam a questão da Proposta Triangular.

Um fator que implicou positivamente na qualidade do pensamento a respeito da educação em arte foi a política desencadeada por vários congressos em que se aprimoraram os conceitos sobre arte, que se tinha até então. No ano de 1996 foi criada a LDB - Lei de Diretrizes e Bases, como afirma Biasoli (1999, p. 89), a “nova LDB, Lei nº 9.394/96, que, no capítulo II da educação básica no artigo 26, elimina a expressão educação artística, substituindo-a por ensino da arte como componente curricular dos diversos níveis da educação básica”. E com essa nova lei o ensino da arte passa a ser obrigatório.

Acredito que o ensino da arte é de principal importância, proporcionando ao aluno novos conhecimentos, integrando o aprender e o fazer por meio de

experiências estéticas. Com as aulas de arte o aluno desenvolve a imaginação e a criação em um empenho onde o erro pode se transformar em possibilidades para a produção. Segundo Larrosa, (2002, apud ROSA e RAMOS, 2008, p. 566) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” Essas experiências que o aluno vai tendo na sala de aula possibilitam sensações, prazeres, emoções, entre outros, por isso o contato com a arte é tão importante para a formação humana oportunizando a pessoa a se comunicar, refletir, sentir, interagir.

No ano de 1997 foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

[...] com a intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade e dê origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1998. p.5).

A proposta triangular criada por Ana Mae Barbosa é composta por três eixos que são: fazer arte (produção), leitura da obra de Arte (análise de obras artísticas) e contextualização (história da arte); nos PCN essas nomenclaturas se alteram por produção, reflexão e apreciação para as séries iniciais e produção, apreciação e contextualização para os alunos de 5^a a 8^a séries.

Ferraz e Fusari (1993, p. 43), afirmam que “a educação escolar deve assumir, através do ensino e da aprendizagem do conhecimento acumulado pela humanidade, a responsabilidade de dar ao educando o instrumental para que ele exerça uma cidadania mais consciente, crítica e participativa.”.

Elas acreditam que essa prática irá proporcionar ao aluno os conhecimentos culturais básicos e necessários para uma prática social viva e transformadora, porém como se dá a interação de aluno-aluno e professor-aluno, para que se alcancem esses objetivos?

Hoje, de acordo com os documentos norteadores da educação brasileira, a disciplina inclui as diferentes linguagens artísticas que são: Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança. A arte é de muita valia para a sociedade, por meio dela

o homem se expressa, manifestando-se e liberando seus sentimentos e desejos e ao compreendê-la pode sentir-se integrante da cultura em que está inserido.

Entendemos que aprender arte e sobre arte, é um direito de toda criança, todo o jovem adulto, e todo adulto, pois o homem, como ser pensante, necessita de criar outras verdades, outros mundos, reais imagéticos, que só a arte na sua essência pode propiciar. (PILLOTTO; SCHRAMM, 2001, p.14).

Acredito que cada pessoa tem uma linguagem artística com a qual se identifica e o professor de Artes é responsável na escola por apresentar essas linguagens. O uso das artes na sala de aula e fora dela contribui inclusive para a autoestima e expressão do aluno, que passa a sentir-se valorizado por sua produção artística.

No sentido de evidenciar a importância de todas as linguagens, os PCN (1997) sugerem que nas aulas de artes pode-se oportunizar o contato com a expressão verbal, plástica, musical e corporal e é assim que o aluno vai compartilhar suas ideias. O contato com essas linguagens pode também oportunizar que os alunos se tornem mais críticos e encorajados a manifestar-se de alguma forma diante de diversos fatos.

No artigo 26 da LDB n. 9.394/96, o ensino da arte é considerado como componente curricular obrigatório em todos os níveis do ensino regular, ou seja, na educação básica como um todo. No entanto, em tempos de inclusão de pessoas com deficiência, podemos pensar que nas instituições como as APAEs os professores podem proporcionar os alunos, também o contato com a arte, levando essas linguagens para as salas de aula, onde também oportunizarão aos alunos que possam desenvolver o pensamento crítico e expressar, pois todas as pessoas com deficiência podem aprender e fazer parte da vida escolar e comunitária. Mas o que são as instituições como as APAEs e qual o tipo de trabalho que desenvolvem?

3 HISTÓRIA DAS APAES NO BRASIL E O ENSINO DA ARTE

Gugel (2007) diz que não se têm vestígios de como os primitivos procediam em relação às pessoas com deficiência. Acredita-se que muitas famílias que tinham uma pessoa com deficiência a excluía da sociedade, pois a maioria a rejeitava quando a via. Poucos escritores mostram o que aconteceu com os deficientes, alguns afirmam que muitos eram abandonados, outros não sobreviviam e alguns eram sacrificados pelo próprio grupo. Conforme Stobäus e Mosquera:

[...] a história assinala, desde a Idade Antiga, as políticas extremas de exclusão de crianças deficientes. Em Esparta, na antiga Grécia, essas crianças eram abandonadas nas montanhas, em Roma foram atiradas nos rios. Os registros históricos comprovam que vem de longo tempo a resistência à aceitação social das pessoas com deficiência e demonstram como as suas vidas eram ameaçadas. Na Idade Média a discriminação continuou. Ao longo da Idade Média, nos países europeus, os ditos deficientes eram associados à imagem do diabo e aos atos de feitiçaria, eram então perseguidos e mortos, pois faziam parte de uma mesma categoria: a dos excluídos. Então, deviam ser afastados do convívio social ou, mesmo, sacrificados. (STOBÄUS ; MOSQUERA, 2004, p. 15).

Dessa forma, as pessoas com deficiência sofreram durante a história, eram abandonadas, discriminadas, perseguidas e mortas.

No decorrer dos tempos, ao identificar as dificuldades das pessoas com deficiência e evidenciar as necessidades de elaborar opções para superá-las, inclusive as ações discriminatórias, foram criadas duas instituições: em 1854 o Instituto dos Meninos Cegos (hoje, Instituto Benjamin Constant) e em 1857, o Instituto dos Surdos-Mudos (hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES) (BRASIL, 2007). Com a criação dessas duas instituições, iniciou-se uma grande conquista para a aceitação das pessoas com deficiência, abrindo espaço para a conscientização e a reflexão sobre a importância da sua educação. Nessa direção, no século XX é fundado o Instituto Pestalozzi, para atender pessoas com deficiência mental e em 1945, é formado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi. (BRASIL, 2007).

No dia 11 de dezembro de 1954 nasceu a primeira instituição APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais no Brasil, fundada pela mãe de uma menina com Síndrome de Down, que chegando no Rio de Janeiro, precedente dos Estados Unidos, percebeu que não havia nenhuma entidade para pessoas com deficiências, dessa forma ela foi a principal pessoa a trazer a ideia da instituição.

Algumas pessoas motivadas pela americana Beatrice Bemis, a auxiliaram e Estrázula (2011, p.1) afirma que,

[...] congregando pais, amigos, professores e médicos de excepcionais, fundou a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae do Brasil. A primeira reunião do Conselho Deliberativo ocorreu em março de 1955, na sede da Sociedade de Pestalozzi do Brasil. Esta colocou a disposição, parte de um prédio, para que instalassem uma escola pra crianças excepcionais, conforme desejo do professor La Fayette Cortes.

A instituição criou duas classes contendo vinte alunos cada e desenvolveu ações para que os alunos trabalhassem com atividades criativas e profissionalizantes, dessa forma ocorreu a primeira oficina pedagógica tendo ligação com a carpintaria, por iniciativa de uma das professoras.

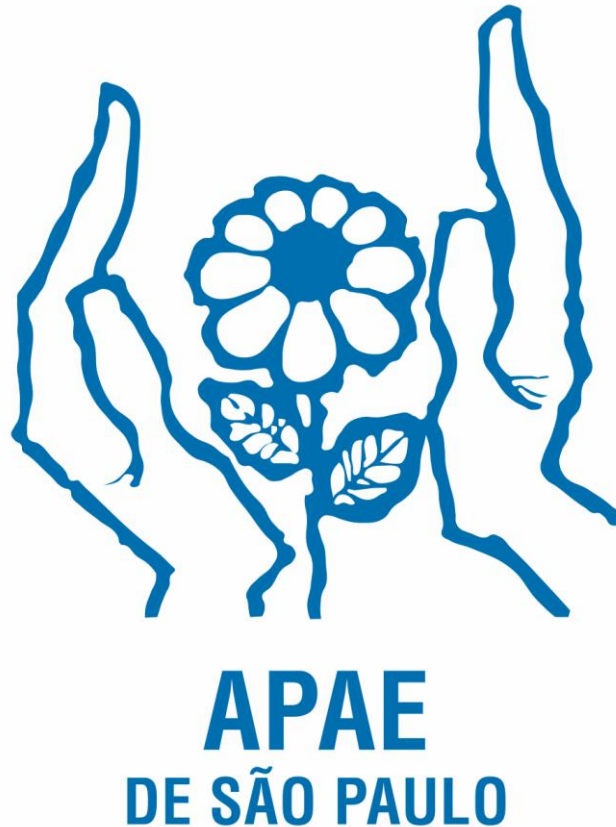
Nos anos de 1954 a 1962 (ESTRÁZULA, 2011) surgiram mais algumas APAEs no Brasil. No final de 1962 realizaram uma reunião nacional de apaeanos e pela primeira vez no Brasil, discutia-se o assunto da pessoa com deficiência, com um grupo de famílias que traziam para o movimento suas experiências e também técnicos na área.

Sentiram a necessidade de criar um organismo nacional. Então, em 1962 (ESTRÁZULA, 2011) criou-se a Federação de APAEs que funcionava em um consultório de um dos médicos. Em seguida conseguiram uma sede para a própria Federação e foi transferida para Brasília.

O movimento das APAEs se expandiu para capitais e para interiores do Estados. Atualmente espalhadas no Brasil consistem em mais de duas mil, sendo o maior funcionamento beneficente do Brasil e do mundo. Seguindo o mesmo pensamento da primeira instituição, o desempenho da Federação Nacional e das Federações Estaduais, consentiram e estimularam a formação de novas APAEs (ESTRÁZULA, 2011).

Elaboraram um emblema, que contém a imagem de uma flor ao meio e nos lados, mãos: uma em posição de amparo e a outra de proteção, como mostra a figura a seguir:

Figura 2 – Símbolo da APAE



Fonte: < <http://inclusaoja.com.br/2013/08/22/apae-de-sao-paulo-apoia-a-educacao-inclusiva/>>.

E dessa forma a instituição vem a ser constituída por pais e amigos e por todos quantos acreditam, apostam e lutam pela causa da pessoa com deficiência. Como afirma no estatuto da APAE (2009) no capítulo I intitulado: Da Denominação, Sede e Fins, Art. 2º, parágrafo § 1º, que:

A APAE tem por MISSÃO promover e articular ações de defesa de direitos, prevenção, orientações, prestação de serviços, apoio à família, direcionadas à melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária.

A APAE surgiu para orientar pais e alunos com deficiência e assim como em qualquer instituição de ensino, nela existe um currículo escolar com um conjunto de projetos que levam a determinar, executar e avaliar as atividades e conteúdos

oferecidos de forma sistemática aos alunos da instituição.

E é com a família e professores que o aluno com deficiência tem o maior contato e com ajuda deles, esse aluno vai se socializar no meio em que vive. O professor que atua na APAE planeja usar metodologias para trabalhar o currículo com o aluno, como qualquer outro professor de outras escolas.

O currículo constitui uma relação de matérias ou disciplinas, com um corpo de conhecimentos organizados em sequência nos termos lógicos. Veiga Neto afirma que:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. (VEIGA NETO, 2002, p.7)

Podemos compreender então que o currículo é um conjunto de dados relativos à aprendizagem escolar organizado a fim de nortear as atividades educativas e as maneiras de executá-las e seus objetivos.

Conforme visto no site¹ da APAE de uma região, podemos observar que existem aulas de Artes, Educação Física e além das aulas também há saúde clínica interdisciplinar como: fonoaudiologia, psicólogas, serviço pedagógico específico entre outros.

Nas aulas de Artes nessas instituições de ensino, o aluno expressa sua cultura, trabalha com o corpo, aprende a conhecer a si e ao seu espaço. Manuseando, transformando, construindo, analisando e criando através das atividades lúdicas, eles conseguem se manifestar. Os pais e professores podem estimular os alunos em determinados sentidos, assim sua sensibilidade e criatividade serão desenvolvidas.

Em geral, é a partir da experiência e conhecimento do aluno que o professor pode considerar e desenvolver suas aulas. Na APAE não pode ser diferente, pois os alunos com deficiência também têm suas potencialidades e seus conhecimentos e a equipe da APAE é responsável em buscar informações sobre o contexto em que cada um vive; à medida que os alunos vão se inserindo nas aulas e trazendo novos elementos o professor pode acolher e proporcionar um aprendizado

¹ Site da Instituição APAE Nova Veneza:< <http://www.novaveneza.apaebrasil.org.br/>> .

a partir do que já conhecem.

Nas aulas de Artes o professor da área na APAE pode perceber as potencialidades dos alunos com deficiência e a possibilidade do aprendizado também depende das metodologias que ele desenvolverá no processo de ensino e aprendizagem, por isso o problema desta pesquisa é: As metodologias ativas podem contribuir de maneira significativa para o processo de aprender arte nas APAEs?

A escola tem que proporcionar o conhecimento em Arte para os alunos, como afirma a LDB (1996, Art.26 § 2º): “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” Dessa forma podemos afirmar que todos têm direito do ensino da arte e nas instituições para pessoas com deficiência não pode ser diferente.

Quando fundada a APAE, eram elaboradas atividades artísticas como: dança, coral, banda rítmica e artes plásticas, voltadas para comemorações cívicas ou sociais conforme a Proposta Orientadora das Ações (TIBOLA, 2001, p. 16), “A partir da década de 70, algumas APAEs iniciaram trabalhos sistematizado na área da Educação Artística, envolvendo a dança, a música e as artes plásticas.”.

Esses ofícios eram desenvolvidos por pessoas não profissionais (sem formação) na área do ensino da Arte, mas sim por pessoas que tinham o interesse e sentiam que os alunos com deficiência tinham que ter oportunidade de se expressar, o enfoque era no psicopedagógico e não na área artística como possibilidade de exercício de linguagem.

O principal papel das escolas é desenvolver o aprendizado pleno da cidadania, dentro de seu contexto social e histórico, preservando suas características individuais de forma ética e responsável. Nesse sentido, a APAE mostra que o conceito de cidadania está ligado a ideia de que pertencemos a um estado ou nação, o que significa não estarmos sozinhos. Sabemos então que o aluno, ao identificar-se como parte de uma sociedade, caracteriza-se como indivíduo, porém é necessário também o reconhecimento de alteridade, o que define a concepção de outros indivíduos diferentes dele mesmo (TIBOLA, 2001).

A APAE tendo essa visão sobre cidadania, não deve fazer tratamentos diferenciados, porém deve preparar estratégias de desenvolvimento de trabalho para acolher as diferenças. Desse modo não se pode perder o que é assegurado ao aluno com deficiência, o direito ao que é central na ação pedagógica, como afirma

Tibola (2001, p. 20) “a apropriação do conhecimento sistematizado e o contato com a produção cultural nas linguagens visual, musical, teatral e da dança por meio de um ensino de qualidade”.

Não podemos tratar as pessoas diferentemente por causa de sua deficiência; temos que criar suportes com profissionais de outras áreas para desenvolvermos um aprendizado pleno junto aos alunos; as APAEs são assim: possuem equipes multidisciplinares.

O trabalho com os alunos portadores de deficiência, os conhecimentos a serem construídos não devem ser minimizados, ou desconsiderados. Ao contrário, o direito ao acesso e à construção desses conhecimentos está assegurado a todos os cidadãos na legislação. Cabe à escola equacionar as estratégias que atendam às diferentes necessidades, entre elas o ritmo e o tempo de construção de aprendizagens e as adequações necessárias de infra-estrutura e de estratégias pedagógicas. (TIBOLA, 2001, p. 20).

Para alcançar tal objetivo, os professores tem que estar sempre se aperfeiçoando para melhor acolher seus alunos. No caso do professor de Artes, esse pode conhecer e expressar-se nas várias linguagens artísticas e desse modo construir um conhecimento significativo em todas elas, pois através das linguagens artísticas o professor oportunizará ao aluno, ampliar práticas imaginativas e criadoras de fazer e pensar sobre a Arte, exercitando modos de expressão e comunicação.

Porém Tibola (2001, p.50) confirma que:

[...] pretende-se redimensionar o ensino de Arte, superando as duas tendências metodológicas que têm prevalecido: uma que propõe exercícios de repetição ou imitação mecânica de modelos prontos, e outra que trata de atividades cujo foco central é a motivação e a estimulação. Tanto uma como outra deixam um legado empobrecido para o efetivo crescimento artístico do aluno.

Creio que os professores não gostariam de deixar esse legado, então dessa forma o professor de Artes deve sempre estar pesquisando, estudando, questionando os alunos com perguntas significativas durante o processo de ensino e aprendizagem, estimulando o interesse e a sua curiosidade. Será que podemos concluir que esse procedimento está ligado a metodologia ativa?

Tibola (2001, p. 50) assegura também que:

O professor pode buscar, na realidade circundante, encontrar elementos que contribuam para o enriquecimento das aprendizagens: imagens, textos sobre artistas, sobre críticas de Arte, literários, artistas e artesãos locais, exposições, manifestações artísticas da comunidade, entre outros. Os alunos podem participar dessa busca de informações, estimulados pelo professor. Também cabe ao professor prever os modos de organização do tempo e do espaço para o desenvolvimento das aulas, criando um ambiente favorável às aprendizagens, sejam elas reflexivas ou de produção, e levando em consideração as necessidades de cada aluno e suas possibilidades de expressão e comunicação.

Assim podemos ver como é importante a formação continuada do professor para que ele possa conduzir o aluno em sua formação de maneira afetiva, sólida e estável. Na educação deve-se atender a inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho, e a Arte oferece várias opções de atuação profissional, como cita Tibola:

Em se tratando das pessoas portadoras de deficiência, a possibilidade de interação produtiva, no âmbito dos fazeres artísticos, é de especial relevância, posto que, respeitadas as suas capacidades, aptidões, necessidades e aspirações, possibilitará o aumento de sua auto-estima e motivação na construção cotidiana de sua existência. É orientação das Nações Unidas que seja assegurada às pessoas portadoras de deficiência a sua participação em atividades culturais, bem como oportunidades para fazer uso do seu potencial criativo, artístico e intelectual, não só para o seu benefício mas também para o enriquecimento de sua comunidade. Exemplo de tais atividades são a dança, música, literatura, teatro, artes plásticas, pintura e escultura, entre tantas existentes em todos os diferentes grupos culturais, de natureza tradicional ou inovadora. (TIBOLA, 2001, p. 55).

Atualmente, o que sabemos sobre a inclusão das pessoas com deficiência é que elas, em sua maioria, se esforçam mostrando suas competências e desenvolvuras, tanto quanto uma pessoa que não possui deficiência. No campo do ensino da arte, prova disso são os festivais regionais, estaduais e nacionais promovidos pelas APAEs, onde são apresentados trabalhos artísticos nas diferentes linguagens artísticas.

Figura 3: Cartaz do Festival Nossa Arte de Panambi/ RS



Fonte: < <http://www.sorrisofm.com.br/nova/?p=4055>>

Figura 4: Cartaz do Festival Nossa Arte São Lourenço



Fonte: <<http://saolourencodosulemfoco.blogspot.com.br/2015/08/programacao-da-vi-festival-regional.html>> .

Os festivais são de grande importância para as atividades de Arte nas APAEs tanto para o professor quanto para o aluno. Porém Tibola (2001, p. 16) explica que:

No entanto, reconhece-se que se faz necessário discernir entre o trabalho de ensino de Arte no âmbito da escolarização, com vistas à construção de conhecimento em Arte como parte da formação global do aluno, que demanda a ênfase no processo, envolvendo a produção, a apreciação e a contextualização das produções artísticas, do trabalho voltado para a realização de mostras, que exige um foco maior na produção, com vistas à qualidade dos resultados. Cada um desses trabalhos é de fundamental importância na formação dos nossos alunos, e cada qual supõe uma abordagem e estrutura de encaminhamentos diferenciados.

E dessa forma volto a frisar a importância da formação continuada do professor para que se possa assegurar uma aprendizagem de qualidade com uma metodologia diferenciada para o aluno com deficiência e abordar as várias linguagens artísticas para que possam realizar trabalhos distintos.

4 A DÚVIDA: METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO DA ARTE

Nas últimas décadas foi estudado muito a respeito das metodologias que estão inseridas nas salas de aulas, porém como afirma Berbel:

É recorrente entre, os estudiosos de Educação das últimas décadas, a ideia de que já não bastam informações para que crianças, jovens e adultos possam, com a contribuição da escola, participar de modo integrado e efetivo da vida em sociedade. Embora imprescindíveis, as informações em si teriam, quando apenas retidas ou memorizadas, um componente de reprodução, de manutenção do já existente, colocando os aprendizes na condição de espectadores do mundo. (2011, p. 25)

Esse modo de ver a educação vem sendo superado pouco a pouco nas diversas escolas, para que assim as aulas possam ter um significado ainda maior para o aluno. Uma nova metodologia que ajude a despertar a curiosidade e interesse levando novos elementos para a sala de aula.

Baumer (2009) em seus estudos faz uma rápida trajetória acerca das tendências pedagógicas no ensino da arte. Sobre as aulas tradicionais ela mostra que as aulas baseavam-se em cópias do natural, modelos externos, fazer técnico e reprodutivista; essas aulas tinham objetivo de ampliar a coordenação motora e percepção visual.

Na pedagogia tecnicista, as aulas eram direcionadas para aspectos técnicos e uso de materiais. Concentravam práticas artísticas voltadas para questões técnicas produtivas no cenário da indústria cultural com destaque na aplicação de materiais alternativos.

Na pedagogia renovada Baumer (2009, p.11), afirma que: “surge a pesquisa individual, a ruptura com a cópia de modelos externos e a valorização dos estados psicológicos para a livre expressão. O aluno pode ser considerado um produtor de arte a partir de sua expressão, emoção, insights e desejos.”. Já a pedagogia libertadora propõe o tema da identidade cultural com o reconhecimento dos recursos culturais dos alunos, a estética do cotidiano e o contexto.

Nessa pedagogia, o contexto e a questão da identidade cultural são acrescidos da valorização do processo de aprendizagem grupal em detrimento da ênfase nos conteúdos de ensino. Na pedagogia histórico crítica, propõe-se o conhecer a arte mediante a apreciação, a contextualização e o fazer artístico. Valorizam-se os aspectos contextualistas, sociais do ensino da arte. Preocupa-se com a estética do cotidiano e com a cultura do aluno, como ingredientes para a construção da

identidade cultural e, desse ponto, a possibilidade de adentrar em um contexto mais amplo no universo da arte. (BAUMER, 2009, p.11)

Percebendo essas modificações no ensino da arte a partir dos estudos feitos sobre as metodologias vemos que não bastam as cópias, técnicas, livre expressão, identidade cultural, apreciação, contextualização e o fazer artístico, mas também e cada vez mais, as contribuições – também chamadas de conhecimento prévio – dos alunos para que as aulas possam ter um melhor aproveitamento para todos.

Dessa forma surgem como uma possibilidade, as metodologias ativas para focar o método de ensinar e aprender na busca da participação ativa de todos os alunos, situados na realidade em que estão inseridos.

Como discussão ao padrão tradicional de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, determinado e praticado durante muitos anos, tem-se procurado novas metodologias entre elas metodologias ativas de ensino e aprendizagem, nas quais é motivado o reconhecimento dos problemas do mundo contemporâneo, fazendo com que os alunos possam interferir e usar exemplos do seu cotidiano nas aulas. Os alunos tornam-se envolvidos no processo de construção de seu conhecimento, sendo responsáveis pela sua trajetória e pelo alcance de seus objetivos. São capacitados a se autogerenciarem e autogovernarem seu processo de formação. Berbel (2011) afirma que:

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras. (BERBEL 2011, p.28).

Nessa direção, venho com este estudo, procurar conhecer um pouco mais sobre as metodologias ativas e as possibilidades de desenvolvê-las no ensino da arte, na educação de pessoas com deficiência nas APAEs.

5 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Dessa forma, partindo do reconhecimento da importância de trabalhar arte com alunos com deficiência, de ter um olhar sensível para esses alunos, me interessei em pesquisar mais sobre as aulas de Artes nas APAEs, e o possível desenvolvimento, nesse âmbito da educação, das metodologias ativas de aprendizagem. Iniciei uma busca pela internet, com o objetivo de localizar e selecionar experiências que pudessem ser identificadas como metodologias ativas no ensino da arte já que como afirma Vianna (2001, p.120):

As informações, geralmente coletadas a partir de observações, entrevistas e outros recursos, deverão ser selecionadas conforme os objetivos que você pretende alcançar ao longo do seu trabalho, e permitir-lhe estabelecer relações, identificar fatos ou variáveis e outros aspectos fundamentais ao procedimento do problema estudado.

Durante um período de uma semana e meia, pesquisei sobre como o professor da instituição APAE trabalha com alunos deficientes, investiguei se a nomenclatura da palavra metodologia ativa estava presente no contexto da instituição, porém não vi nada relacionado com o nome. Fiquei muito preocupada, porém sou persistente ao tema em pesquisa. Conversando com minha orientadora ela me sugeriu em pesquisar de outras formas e se não encontrássemos iríamos analisar e afirmar que as práticas feitas em sala de aula pode ser consideradas como metodologia ativa. No meio de buscas e leituras, selecionei quinze relatos que poderia utilizar na construção da minha pesquisa.

Após ler e refletir, selecionei quatro relatos diferenciados onde dois professores trabalham a artes visuais, um a dança e o outro a música. Optei por estas três linguagens artísticas, pois durante o curso de Artes Visuais- Licenciatura tive a possibilidade de cursar e assim vivenciar e saber como são importantes no desenvolvimento da pessoa. Durante o curso a linguagem da arte visual me possibilitou em poder expressar o que estava passando ou sentindo naquele determinado momento. As aulas de dança me ajudaram a tirar a timidez que tinha ao movimentar meu corpo e as aulas de música que para mim foram mágicas me permitiram ver novos meios onde posso desenvolver essa linguagem.

A seguir apresento algumas dessas experiências selecionadas, buscando analisar a metodologia utilizada pelo professor e os resultados alcançados junto aos alunos com deficiência ao aprenderem arte na educação especial.

A primeira experiência que gostaria de apresentar é do artigo de Liane Carvalho Oleques (2013), intitulado 'Arte e Educação Especial: Ensinando Xilogravura a Alunos Com Deficiência Intelectual'. O artigo nos relata um projeto desenvolvido em uma APAE de Florianópolis - SC, onde foram apresentados conteúdos de Arte e algumas premissas da educação especial, salientando-se a compreensão da linguagem e da técnica da xilogravura dentro de um contexto de deficiência mental.

O projeto teve duração de quatro meses com quatro etapas sendo que a primeira buscou oportunizar a compreensão da linguagem da gravura. Essa etapa teve a finalidade de possibilitar aos alunos, conhecerem diferentes técnicas da gravura como a xilogravura e a gravura em metal. Na sala haviam cerca de 20 alunos adultos e idosos. Conheceram também a história da gravura e a utilização dela no seu cotidiano nas estampas de camisetas, por exemplo, tiveram a sua disposição, um livro referente a artistas que se apropriam da técnica.

No segundo momento a professora trabalhou para oportunizar a compreensão da técnica da xilogravura. Oleques (2013) relata que foi a etapa que mais demorou, pois o intuito era que os alunos compreendessem o que é xilogravura e entendessem que pode ser comparada com a técnica do carimbo, onde o desenho sai invertido. Ela relata que relembra esse conceito em todas as semanas, sempre que necessário. Nessa etapa foram realizadas várias experimentações como desenhos em superfícies negras com lápis branco; raspagem com ponta seca em superfícies coberta com giz de cera; até mesmo uma xilogravura diferente se apropriando de uma placa de isopor como matriz e ponta seca não cortante como canetas sem tinta; outra experimentação também foi a utilização de giz de cera e *aguada*, que consiste em uma combinação de tinta guache com bastante água.

Na terceira etapa aconteceu a exploração e manuseio dos materiais. Os alunos puderam manusear as goivas e aprender a função de cada uma delas, testaram alguns movimentos básicos como onde colocar mais e menos força para entalhar a madeira e não deixar uma das mãos na frente da goiva, pois pode escapar a goiva e acontecer algum machucado a partir do corte na pele. As

produções dessa etapa foram trabalhadas quase que individualmente e com o auxílio da professora.

A última etapa denominada 'Trabalho fina' possibilitou a realização da xilogravura, tendo duração de duas a quatro aulas desenvolvendo-se com o entalhe na madeira e a tiragem no papel. Alguns alunos tiveram dificuldade em manusear os instrumentos, dessa forma optou-se que esses alunos realizassem os exercícios propostos nas aulas anteriores como desenhos em superfícies negras com lápis branco; raspagem com ponta seca em superfícies coberta com giz de cera; a utilização do giz de cera e *aguada*.

Para a execução do projeto utilizaram imagens de obras de gravura, instrumentos essenciais à xilogravura como goivas, rolinho de borracha, tinta, madeiras e papel.

Tendo em vista sua experiência Oleques (2013) afirma que:

[...] não se trata de levar somente conteúdos prontos e fechados em si, sem o conhecimento prévio do mundo dos educandos. É importante que se reconheça os universos visuais e culturas destes educandos, buscando o significado das coisas a partir da vida que os cerca. Esse enfoque favorece no estudante uma autoconsciência de sua própria experiência.

A partir dessa afirmação de Oleques (2013) podemos dizer que sua experiência se desenvolveu com a metodologia ativa, pois Berbel (2011, p. 33) afirma que:

A participação do aluno se dá no exercício do aprender fazendo. Ao professor, cabe conduzir o processo metodologicamente, estimulando as atividades dos alunos, apoiar e valorizar as iniciativas na direção do foco maior que é a solução ao problema em estudo. Nesse sentido, a cada etapa, realizam-se aprendizagens de várias ordens, como as de construção de instrumento de busca de informações, tratamento das informações colhidas, análise, tomada de decisão, síntese, registros sistemáticos etc.

É importante o envolvimento do aluno em aula, pois os conhecimentos se dão no aprender fazendo. A professora, em sua conclusão afirma que:

Considerou-se que as estratégias utilizadas foram satisfatórias para o entendimento e compreensão da xilogravura, por parte dos alunos, pois os exercícios possibilitaram que os alunos visualizassem e experienciassem a xilogravura antes do manuseio com as goivas, bem como conhecer alguns

artistas contemporâneos e de outras épocas que se utilizaram desta técnica e assim relacionar a gravura aos seus contextos. (OLEQUES, 2013, 14).

Analisamos em sua afirmação que a experiência de Oleques (2013) não ficou apenas nos conhecimentos e nas informações, pois a mesma relacionou a técnica da gravura com o contexto dos alunos.

Esta pesquisa também revelou projetos que são desenvolvidos com a dança, artes visuais e a música para pessoas com deficiência. No site² Portal Aprendiz, foi possível conhecer três projetos interessantes para o ensino da arte nas APAEs.

A segunda experiência é o projeto 'Movimentarte' planejado pela professora Flora Bitancourt. As aulas acontecem com cerca de 30 alunos com Síndrome de Down, onde a professora propõe uma dança expressiva e pede para eles se soltarem, com estilos diferenciados de músicas. Esse projeto tem a intenção de promover a dança como fator importante no desenvolvimento. Dessa forma o aluno com deficiência não está somente se movimentando, mas também exercitando a mente. Como afirma a professora Flora: “[...] estimulamos a criatividade, a expressividade, o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, a sociabilização”, [...] “que revela também que a dança possibilita ao aluno deficiente um domínio maior de sua vida. Ao dançar, a pessoa se aproxima dela mesma.”. (MEKARI, 2013).

Nesse caso vemos que a professora lança a proposta, mas é o aluno que executa conforme suas capacidades e particularidades. Segundo Berbel (2011, p. 29) “o professor atua como facilitador ou orientador para que o estudante faça pesquisas, reflita e decida por ele mesmo, o que fazer para atingir os objetivos estabelecidos”.

A terceira experiência é o projeto 'Olhar nas mãos', acontece com deficientes visuais, sob responsabilidade do professor Daniel Freitas que também é deficiente visual e afirma que : “o principal objetivo do curso é trabalhar o autoconhecimento através da arte. Tentamos transformar as carências em potências” (MEKARI, 2013). No projeto são feitas esculturas, xilogravuras e máscaras decorativas, confeccionados por pessoas cegas ou com baixa visão.

² Referência do site Portal Aprendiz: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2013/09/27/arte-inspira-tres-experiencias-de-inclusao/>

A autonomia é estimulada no ateliê, afirma o professor Daniel: “Todo mundo limpa e organiza o espaço. Isso potencializa o cotidiano dessas pessoas. Há inclusive alunos que conquistaram a própria autonomia e já produzem suas obras em casa.” (MEKARI, 2013). Como afirma Berbel (2011, p.28),

A implementação dessas metodologias pode vir a favorecer uma motivação autônoma quando incluir o fortalecimento da percepção do aluno de ser origem da própria ação, ao serem apresentadas oportunidades de problematização de situações envolvidas na programação escolar, de escolha de aspectos dos conteúdos de estudo, de caminhos possíveis para o desenvolvimento de respostas ou solução para os problemas que se apresentam alternativas criativas para a conclusão do estudo ou pesquisa, entre outras possibilidades.

Daniel também afirma que: “A gente derruba muros a todo momento ao ajudar esses alunos a superar limitações, a perceber que essas limitações são, antes de tudo, colocadas por eles mesmos”. (MEKARI, 2013). Dessa forma, o projeto tem êxito porque as pessoas se desenvolvem, aprendem, se transformam

O quarto e último projeto é ‘A alma de batera’, projeto realizado por Paul Lafontaine, que iniciou dando aula para quatro alunos com Síndrome de Down e hoje são 21 alunos em aulas semanais e coletivas. Paul relembra: “a história de um aluno que tinha deficiência física na mão esquerda e tinha autoestima muito baixa em relação aos outros alunos. Depois de três meses de aulas, a mãe dele veio me dizer que ele começou a usar a mão esquerda cotidianamente” (MEKARI, 2013). O projeto não é somente se apropriar da música, mas interagirem de fato nos conceitos básicos de música como ritmo, tempo e coordenação de membros. Paul reflete que: “Isso mexe com a autoestima deles”. (MEKARI, 2013).

Analisando esses três projetos e percebendo o desenvolvimento dessas pessoas com deficiência podemos compreender sobre o uso de metodologias ativas, como Berbel (2011, p. 29) explica: “[...] o aluno ao contato com as informações e à produção do conhecimento, principalmente, com a finalidade de solucionar os impasses e promover o seu próprio desenvolvimento”.

Por isso é importante que o professor tenha uma graduação e formação continuada, que possa estudar, pesquisar sobre novos métodos e maneiras de ensinar a arte, uma dessas formas pode ser se apropriando da metodologia ativa. Trago a seguir como contribuição para a formação continuada, um projeto que traz

uma proposta de discussão sobre como o professor pode inserir nas aulas de artes, a metodologia ativa com pessoas com deficiência.

6 UM NOVO OLHAR: PROJETO DE CURSO

6.1 TÍTULO: Refletindo sobre uma nova metodologia

6.2 EMENTA: Metodologia ativa. Aulas diferenciadas. Ludicidade, imaginação e criação. Apreciar e produzir a arte.

6.3 CARGA HORÁRIA: 16 horas

6.4 PÚBLICO- ALVO: Professores de Artes das APAEs

6.5 JUSTIFICATIVA:

Este projeto foi planejado e fundamentado para oficializar o trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC e será realizado na UNESC que se situa no bairro Pinheirinho, Criciúma- SC.

Destaca-se aqui a importância do desenvolvimento dos alunos nas aulas de Artes das instituições APAEs. A arte revela habilidades de transformar, criar, recuperar e reaproveitar. Por meio da arte podemos produzir atividades em artes visuais, música, teatro, dança. Nós, professores de arte, temos que levar diferentes propostas para as salas de aula, oportunizando aos alunos a possibilidade de ampliar um olhar distinto que, segundo Martins³ (2006, p. 5), “pode despertar a fruição, não somente centrada na imagem, mas em uma experiência, um caminho que leve a pensar a vida, a linguagem da arte”.

A arte na sala de aula e fora dela contribui inclusive para a autoestima e expressão do aluno, que passa a sentir-se valorizado por sua produção artística.

Assim creio que esta proposta de curso será de grande relevância para o ensino da arte, pois os professores precisam estar sempre aprimorando seus conhecimentos para motivarem seus alunos a serem contagiados pela arte e confiantes em si.

³ Referência: MARTINS, Mirian Celeste (coord.). **Curadoria educativa: inventando conversas.** Reflexão e Ação. Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

A PCSC nos traz que: “O professor deve provocar o interesse do (a) aluno (a), trazendo, para o seu cotidiano, a problematização e a prática da experiência contemporânea”. (SANTA CATARINA, 2005, p.107)⁴.

Dessa forma trago Berbel (2011,p. 29)⁵ onde afirma que, “[...] as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos”.

Acredito que os professores, após este projeto, sairão com mais vontade de pesquisar e estudar as metodologias ativas para que possam fazer aulas diferenciadas, onde seus alunos vivam a ludicidade, imaginação e criação, tornando-se mais autônomos e críticos, pois assim exercitarão suas potencialidades no que se refere à apreciar e produzir a arte.

6.6 OBJETIVOS:

Geral:

Oportunizar o debate sobre as possibilidades de desenvolvimento de metodologias ativas nas aulas de Artes das instituições APAEs.

Específicos:

- Conhecer alguns conceitos de metodologia ativa, que possibilitarão a fazer aulas diferenciadas.
- Debater sobre as possibilidades das metodologias ativas a partir de experiências já publicadas.
- Refletir sobre a importância de se apropriar da metodologia ativa para elaborar suas aulas de arte para as pessoas com deficiência, visando a ludicidade, imaginação e criação no apreciar e produzir a arte.

⁴ Referência PCSC : SANTA CATARINA.Secretaria de Estado da Educação,Ciência e Tecnologia.

Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos. Florianópolis: IOESC, 2005.

⁵ Referência sobre metodologia ativa: BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

6.7 METODOLOGIA

Inicialmente convidarei alguns professores de artes que atuam nas APAEs da região da cidade de Criciúma e seu entorno, para conhecermos e compreendermos sobre a metodologia ativa.

No dia marcado nos reuniremos em uma sala agendada na UNESCO e após nos apresentarmos vamos fazer uma roda de conversa para saber com qual metodologia eles atuam nas instituições, para desenvolver suas aulas de artes. Ao final dessa conversa perguntarei se conhecem ou se ouviram falar sobre a metodologia ativa. Nesse momento, conheceremos como procede a metodologia ativa, por meio de conceitos teóricos, em uma apresentação de slides. Debateremos sobre as perspectivas que a metodologia propõe. Em seguida pedirei que façam pequenos grupos e lançarei um problema sobre algum conteúdo de artes para que cada grupo converse e chegue a uma solução, após pedirei para que todos socializem e lançarei uma nova pergunta formulada pelas respostas que eles me deram anteriormente e assim por diante até chegar a uma solução mais precisa sobre o problema, desse modo os participantes irão estar ativos e atentos e tentando chegar a uma conclusão para aquele problema. Esse primeiro encontro terá duração de quatro horas.

Após o intervalo para o almoço, também por meio de slides, apresentarei algumas experiências já publicadas, onde se pode constatar o desenvolvimento de metodologias ativas no ensino da arte para pessoas com deficiência. E pedirei que os professores contem suas experiências ou experiências conhecidas por eles, que podemos compreender como metodologia ativa. A continuidade desse encontro também terá quatro horas.

No próximo encontro, dividiremos o grande grupo em pequenas equipes e que cada grupo ficará responsável por imaginar e elaborar um planejamento de atividade de artes para pessoas com deficiência. Cada equipe pensará em uma deficiência específica: física, intelectual, cegueira, surdez, autismo e síndrome de down. Para essa atividade os participantes terão a carga horária de quatro horas.

Na parte da tarde (4 horas) teremos a apresentação dos planejamentos e vamos realizando o debate para avaliarmos o que pode ser aprimorado em cada proposta.

Finalizaremos o curso conhecendo as experiências mais recentes dos Festivais Nossa Arte, que são apresentações de produções artísticas nas distintas linguagens artísticas, elaboradas pelos alunos das APAEs. Os festivais podem representar um trabalho cotidiano, desenvolvido pelo professor de Arte apoiado por uma equipe multidisciplinar, na maioria das vezes, e que visa uma abordagem e uma estrutura de encaminhamentos distintos, onde o aluno vai se desenvolvendo e aprendendo cada linguagem de acordo com suas possibilidades e como sujeito da aprendizagem.

7 CONCLUSÃO

A partir dos materiais estudados e pesquisados, concluo que a arte e a metodologia ativa é muito importante no desenvolvimento das pessoas, pois a partir delas podemos refletir e nos expressar como desejamos. As aulas de Artes nas instituições APAEs são primordiais para que o aluno com deficiência possa se expressar e se tornar mais autônomo, aumentando sua autoestima e sua motivação na construção cotidiana de sua existência.

Compreendi durante as pesquisas que apesar da nomenclatura *Metodologia Ativa* não se fazer presente no contexto escolar ela está inserida em algumas práticas durante as atividades artísticas.

Analisando o problema da pesquisa: 'As metodologias ativas podem contribuir de maneira significativa para o processo de aprender arte nas APAEs?', foi possível perceber que, nas experiências registradas neste estudo, os alunos estavam ativos em sala de aula, buscando a resolução para o seu próprio problema, durante a atividade, tornando-se mais autônomos e confiantes de si. O professor pode instigar a turma para tentarem solucionar os problemas e também para que os alunos possam se interessar mais, ter desejos de aprender e construir seu próprio conhecimento.

Os objetivos do estudo foram alcançados na medida em que confirmaram a importância da aproximação entre o professor de Artes e as metodologias ativas e possibilitaram compreender o conceito das metodologias ativas, investigando as possíveis relações entre metodologias ativas e o ensino das Artes nas APAEs.

A metodologia ativa vem para instigar e fazer com que os alunos tenham curiosidades, se tornem ativos e participativos em sala de aula, que se sintam mais autônomos, confiantes de si e críticos e não sendo moldados pelo o que simplesmente é mediado ou imposto dentro de sala de aula. No entanto é preciso que os professores de Arte busquem a formação continuada para se aproximarem e compreenderem as metodologias ativas.

Tendo em vista a proposta de curso, tentei me imaginar no lugar de um professor que ainda desconhece a metodologia ativa. Foi um exercício de muita relevância em pensar cada detalhe para elaborar como poderia levar a metodologia ativa para professores das instituições APAEs. Conversando sobre o projeto com alguns colegas do curso muitos se interessaram e fiquei muito animada em poder

saber que outros profissionais também veem a importância de elaborar aulas diferenciadas se apropriando da metodologia ativa.

Acredito que esta proposta de curso tem um papel muito significativo para os professores, já que muitos pensam que não devemos despertar a curiosidade em alunos com deficiência, porém é o contrário, devemos sim, pois eles também têm capacidade e curiosidade em saber coisas novas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Magno Pinheiro de; ALMEIDA, Miguel Eugênio. HISTÓRIA DE LIBRAS: CARACTERÍSTICA E SUA ESTRUTURA. **Revista Philologus: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, Rio de Janeiro, Ano. 18, N°. 54, p.315-327. 2012. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/54supl/031.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

APAE. **Estatuto Da Apae**. 2009. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=7&cad=rja&uact=8&ved=0CD4QFjAG&url=http://www.apaesantacatarina.org.br/arquivo.phtml?a=13251&ei=cntXVdnnPIHasAT1yIKwAg&usg=AFQjCNH0P7Fb5PfcNEc1dxEmV_vCgxDKqw&bvm=bv.93564037,d.cWc>. Acesso em: 05 maio 2015.

BRASIL. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil** / compilado por Mário Cléber Martins Lanna Júnior. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

_____. **LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996** : Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 out. 2015.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

_____. **Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial e perspectiva na Educação Inclusiva: MEC/SEEP. 2007.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da Arte: Aspectos Históricos e Metodológicos**. 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2015.

BAUMER, Édina Regina. **O Ensino da Arte na Educação Básica: As Proposições da LDB 9.394/96**. 2009. 94 f. Monografia (Especialização), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2009. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003F62.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: do ensaio...à encenação**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1999.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 3. ed Porto Alegre: Mediação, 2002.

ESTRÁZULA, Alda Moreira. **Um Pouco da História do Movimento das Apaes**. 2011. Disponível em: <<http://www.apaebrasil.org.br/arquivo/12468>>. Acesso em: 05 maio 2015.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GUGEL, Maria Aparecida. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. 2007. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CCIQFjABahUKEwifx9mt-9DIAhVDXR4KHeYOCtc&url=http%3A%2F%2Fjuazeirodonorte.apaebrasil.org.br%2Farquivo.phtml%3Fa%3D11996&usg=AFQjCNFlbzRRvBZOcUHE9oV_mYzKyileOA&bvm=bv.105454873,d.dmo> .Acesso em: 20 out 2015.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. Sao Paulo: Atlas, 2001.

LEWIS, C. S. **Recanto Poético: Frases e Pensamentos**. 2012. Disponível em: <<http://recantopoeticolettig3.blogspot.com.br/2012/04/frases-e-pensamentos.html>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MEKARI, Danilo. **Arte inspira três experiências de inclusão**. 2013. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2013/09/27/arte-inspira-tres-experiencias-de-inclusao/>>. Acesso em: 01 set. 2015.

OLEQUES, Liane Carvalho. **Arte e Educação Especial: Ensinando Xilogravura a Alunos com Deficiência Intelectual**. UDESC. Disponível em: <<http://virtual.udesc.br/eventos/ixencontro/07.pdf>> . Acessado em 01 de set de 2015.

PILLOTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões Sobre o Ensino das Artes**. Joinville, SC: Univille, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=zUDsAQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 04 maio 2015.

RIBEIRO, Thiago. **História da Arte**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/artes/a-historia-arte.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ansanello. **Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 39 set./dez. 2008. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000300012&script=sci_abstract&tIng=pt. Acessado em 27 de maio de 2015.

STOBÄUS, Claus Dierter; MOSQUERA, Juan José Mouriño (orgs.). **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TIBOLA, Ivanilde Maria. **Arte, cultura, educação e trabalho** – Brasília Federação Nacional das APAES, 2001.64p.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: EPU, 2001.

VEIGA NETO, Alfredo. **De Geometrias, Currículo e Diferenças** IN: Educação e Sociedade, Dossiê Diferenças-2002.

